

Empreendedorismo social feminino na perspectiva de *she started it* com suporte em leituras críticas decoloniais

Female social entrepreneurship from the perspective of *she started it* with support from decolonial critical readings

Irlanda Pires de Sá Sousa¹, Fabiana Pinto de Almeida Bizarria², Márcia Zabdiele Moreira³, Hilderline Câmara de Oliveira⁴, Alexsandra Maria Sousa Silva⁵

Como citar esse artigo. SOUSA, I. P. S. BIZARRIA, F. P. A. MOREIRA, M. Z. OLIVEIRA, H. C. SILVA, A. M. S. Empreendedorismo social feminino na perspectiva de *she started it* com suporte em leituras críticas decoloniais. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 16, n. 1, p. 247-262, jan./abr. 2025.



Resumo

O feminismo discute questões de gênero, com foco nos direitos das mulheres, enquanto o feminismo decolonial vai além ao abordar as interseções de gênero, raça e colonialidade, visando problematizar estruturas de poder opressivas herdadas do colonialismo. Nesse contexto, o empreendedorismo social feminino representa abordagem favorável para contribuir com a autonomia econômica e social das mulheres. A presente pesquisa objetivou compreender o empreendedorismo social feminino, na perspectiva do documentário *She started it*, com suporte em leituras críticas decoloniais. Para isso, utilizaram-se os recursos metodológicos pesquisa bibliográfica, documental e análise de imagem, vídeo e som, de cunho qualitativo, com análise temática crítica e suporte do software Atlas.ti. Ao integrar motivos pessoais, resiliência, inovação e redes de apoio, essas mulheres desafiam normas de gênero e contribuem para um modelo de negócios socialmente responsável. A discussão sobre o empreendedorismo social feminino revela uma complexidade significativa, onde mulheres enfrentam desafios específicos, mas também demonstram resiliência e impacto social. Portanto, ao analisar o empreendedorismo social feminino, na perspectiva do decolonialismo, é importante reconhecer os desafios enfrentados e reconhecer o impacto transformador dessas iniciativas. Consideramos que políticas públicas têm a missão de promover apoio social contínuo, necessários para ampliar o alcance dessas práticas e promover equidade de gênero no campo empresarial.

Palavras-chave: Empreendedorismo social feminino; Decolonialismo; Equidade de gênero; She started it.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

Feminism discusses gender issues, with a focus on women's rights, while decolonial feminism goes further by addressing the intersections of gender, race and coloniality, aiming to problematize oppressive power structures inherited from colonialism. In this context, female social entrepreneurship represents a favorable approach to contributing to women's economic and social autonomy. This research aimed to understand female social entrepreneurship, from the perspective of the documentary *She started it*, with the support of critical decolonial readings. To this end, the methodological resources used were bibliographical and documentary research and image, video and sound analysis, of a qualitative nature, with critical thematic analysis and the support of Atlas.ti software. By integrating personal motives, resilience, innovation and support networks, these women challenge gender norms and contribute to a socially responsible business model. The discussion on female social entrepreneurship reveals a significant complexity, where women face specific challenges but also demonstrate resilience and social impact. Therefore, when analyzing female social entrepreneurship from the perspective of decolonialism, it is important to acknowledge the challenges faced and recognize the transformative impact of these initiatives. We believe that public policies have the mission of promoting ongoing social support, which is necessary to expand the reach of these practices and promote gender equity in the entrepreneurial field.

Keywords: Women's social entrepreneurship; Decolonialism; Gender equity; She started it.

Afiliação dos autores:

¹Mestranda e Especialista em Gestão Pública pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, Teresina, Piauí, Brasil.

²Doutora em Administração pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública – Mestrado Profissional da Universidade Federal do Piauí – PPGP/UFPI, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

³Doutora e Mestre em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Universidade Federal do Ceará (PPAC/UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil.

⁴Pós-doc em Direitos Humanos na área de concentração das Políticas Públicas, Cidadania e Direitos Humanos –UFPB. Professor colaboradora da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte - PMRN, Rio Grande do Norte, Brasil.

⁵Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora da Faculdade Luciano Feijão – FLF, Sobral, Ceará, Brasil.

E-mail de correspondência: bianapsq@hotmail.com

Recebido em: 06/12/2024. Aceito em: 11/04/2025.

Introdução

Empreendedorismo é a palavra atribuída ao ato humano de identificar oportunidades, na busca por aprimorar, administrar e coordenar uma situação ou um negócio (Cineglaglia *et al.*; 2021). Há algum tempo, o empreendedorismo no mundo dos negócios era uma atividade de predominância masculina, pois as mulheres se dedicavam exclusivamente às tarefas domésticas. No século XX, durante a guerra mundial, as mulheres conseguiram espaço no meio empresarial, já que grande parte dos homens estavam na linha de frente dos confrontos de guerra. (Teixeira *et al.*; 2021).

O empreendedorismo feminino nos negócios ganhou visibilidade devido ao seu potencial de desenvolver o crescimento econômico, a inovação e o progresso social (Deng; Orbes; Ma, 2024). Embora nos países em desenvolvimento, as mulheres sejam mais propensas a ingressar no empreendedorismo em virtude da necessidade de trabalho e renda, a economia em rápido crescimento, a tecnologia em constante melhoria e os mercados pouco desenvolvidos proporcionam um terreno fértil para o empreendedorismo feminino baseado em oportunidades (Barcena-Martin *et al.*, 2021).

Preconceitos e restrições institucionais separam homens e mulheres, quando decidem empreender, devido às diferenças do que é considerado apropriado à concepção de gêneros (Barcena-Martin *et al.*, 2021). Em particular, as mulheres e a ‘feminilidade’ são consideradas aptas para o microempreendedorismo, a produção em pequena escala, o crescimento lento e os empreendimentos socialmente orientados. Por outro lado, as empresas orientadas para o rápido crescimento, escaláveis, altamente conceituadas e com recursos estratégicos continuam sendo consideradas do universo empreendedor masculino (Muntean; Ozkazanc-Pan, 2016).

No Brasil, estudos têm enfatizado o impacto do empreendedorismo social, especialmente em grupos vulneráveis, contribuindo para o desenvolvimento regional e local (Xavier *et al.*, 2014; Vaz; Teixeira Olave, 2015; Seba; Casagrande, 2016, Bizarria *et al.*, 2022). Assim, as iniciativas consolidadas como o Projeto Quedes, em Alagoas, o Programa Mãe, na Bahia e a Cooperativa Social Cuxá, no Maranhão, demonstram o potencial do empreendedorismo social feminino para empoderar e gerar renda (Rodrigues *et al.*, 2021). Essas iniciativas promovem desenvolvimento econômico e fortalecem a participação comunitária por meio de estratégias participativas e redes de ação coletiva (Addor; Henriques, 2015; Kuyumjian *et al.*, 2014). A contribuição das mulheres no empreendedorismo social está associada ao desenvolvimento regional e local (Morales; Ortega, 2011).

No âmbito legal, iniciativas como a Lei 17.176 de 15 de janeiro de 2020, do Estado do Ceará, Brasil, por exemplo, ao abordar o empreendedorismo feminino, propõe a implantação de políticas estaduais de estímulo, capacitação e fomento à ação empreendedora de mulheres. Rodrigues *et al.* (2021) enfatizam ações como o Projeto ‘Mulheres e Territórios Vivos’ no Ceará, que visa fomentar modelos de negócios para incluir mulheres de famílias afetadas por violência, buscando reduzir a vulnerabilidade social e gerar renda.

Nessa direção, tem-se o feminismo, que enfatiza a igualdade de gênero e os direitos das mulheres. Para Bell Hooks (2018), o feminismo é o movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão e não tem nada a ver com ser anti-homem. Nessa perspectiva, e partindo de várias críticas a um modelo de feminismo eurocentrado, branco, unificado, algumas autoras defendem a ideia de feminismos, no plural. Butler (2017) questiona a homogeneidade presente na categoria “mulher”, a partir de um viés normatizador, violento e patriarcal.

Na visão colonial, é preciso visibilizar lugares de mulheres que se constroem de maneiras múltiplas, diferentes e diversas, concebendo que é no reconhecimento da diversidade que está a base da igualdade. Assim, é a partir da crítica de um feminismo que se pretende universal, que deriva o feminismo decolonial (Lugones, 2008), ao abordar as interseções de gênero, raça e colonialidade, visando problematizar estruturas de poder opressivas provenientes do colonialismo.

É na perspectiva do feminismo decolonial que queremos problematizar a participação da mulher no empreendedorismo social, reconhecendo-o como um prisma importante para analisar as demandas

sociais e também o potencial dessas mulheres. Estudos internacionais indicam que o empreendedorismo social feminino pode contribuir com o empoderamento, a igualdade de gênero e a autonomia financeira (Tahir *et al.*, 2018; Ribes-Giner *et al.*; 2018).

No caso brasileiro, iniciativas têm mostrado como o empreendedorismo social pode ser uma resposta aos desafios enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho formal, promovendo inclusão social e desenvolvimento regional (Rodrigues *et al.*, 2021).

Desta forma, o empreendedorismo social feminino representa abordagem favorável à promoção da igualdade de gênero e à autonomia econômica das mulheres. Com isso, análises mais detalhadas sobre o empreendedorismo social feminino são fundamentais para entender as condições sociais desse fenômeno, considerando motivações e significados das experiências vivenciais, familiares e educacionais (Vaz; Teixeira; Olave, 2015; Ribes-Giner *et al.*, 2018).

As diversas iniciativas no Brasil e ao redor do mundo situam o potencial transformador desse modelo, apesar dos desafios persistentes. As mulheres são percebidas como hábeis na criação de vínculos e engajamento em práticas sociais, devido à cultura de gênero (Poon; Naybor, 2012; Hechavarría; Brieger, 2020). Essa ‘personalidade feminina’ em relação à estrutura sociocultural define as relações de gênero (Yetim, 2008). Contudo, as diferenças de gênero, sendo construções sociais, fazem com que a mulher assuma múltiplas tarefas, tanto domésticas, quanto no trabalho (Moraes, 2012).

Cabe considerar que a sociedade capitalista cria situações concretas de opressão, entende-se necessário um compromisso com a superação das desigualdades sociais, o que sugere investigar o empreendedorismo social feminino, valorizando experiências e saberes locais, frequentemente marginalizados.

Compreende-se, portanto, necessário considerar perspectiva teórica que critica a produção de conhecimentos a partir de perspectivas ocidentais, que, muitas vezes, não consideram as especificidades e impactos nas mulheres de outros cenários e regiões, onde a luta pela sobrevivência é mais intensa para as mulheres devido a construções históricas e culturais patriarcais (Safiotti, 2004).

Assim, este estudo objetiva compreender o empreendedorismo social feminino, na perspectiva do documentário *She started it*, com suporte em leituras críticas decoloniais. Desse modo, os recursos metodológicos utilizados foram pesquisa bibliográfica, estudo observacional e de cunho qualitativo, com análise teórica crítica.

Esta pesquisa pode contribuir com o aprofundamento e a compreensão dos mecanismos que impulsionam o empreendedorismo social feminino e assim, promover o desenvolvimento de políticas de apoio social e institucional. Investir nessa área fortalece o campo teórico e prático do empreendedorismo social e contribui para construir um futuro mais justo, alinhado com os objetivos globais de desenvolvimento sustentável (Sotto *et al.*, 2019; Mizutani, 2019).

Das epistemologias feministas à pedagogia feminista

As epistemologias feministas oferecem críticas à ideia de uma objetividade neutra na produção de conhecimento, ressaltando a influência da posição social, política e subjetiva do pesquisador e indicam caminhos que alicerçam outros conhecimentos (Garcia; Rossi, 2023). Nesse sentido, as epistemologias feministas promovem uma abordagem que enriquece a compreensão acadêmica por buscar ativamente a transformação social, comprometendo-se com a justiça e os direitos humanos. Para promover uma verdadeira transformação social, é fundamental reconhecer e valorizar os saberes locais e as especificidades regionais, combatendo simultaneamente as estruturas históricas opressivas e patriarcais que marginalizam as mulheres. Isso implica em uma abordagem crítica e decolonial na promoção da equidade de gênero e da justiça social.

A valorização das emoções e do corpo é outro aspecto importante das epistemologias feministas, que consideram as emoções como ferramentas legítimas de conhecimento. Isso envolve a reflexão sobre o impacto emocional da pesquisa nas pesquisadoras e participantes e a valorização do conhecimento encarnado e vivencial (Trejo; Dauder, 2023). Ao considerar o corpo no processo de pesquisa, as epistemologias feministas reconhecem a importância do conhecimento adquirido através da experiência corporal e sensorial, ampliando as formas de produção de conhecimento e valorizando perspectivas frequentemente marginalizadas (Trejo; Dauder, 2023). Ademais, considerar o corpo e as emoções na pesquisa permite uma maior valorização da subjetividade e da experiência dos pesquisadores e participantes, enriquecendo a compreensão dos fenômenos estudados ante à promoção de uma pesquisa mais sensível às diversidades (Trejo; Dauder, 2023).

Ao reconhecer o impacto emocional da pesquisa e as interações emocionais entre pesquisadores e participantes, as epistemologias feministas abrem espaço para uma pesquisa mais empática, reflexiva e engajada com a transformação social (Trejo; Dauder, 2023). Trejo e Dauder (2023) também abordam a desconstrução dos dualismos presentes no pensamento ocidental, como mente/corpo, razão/emoção e público/privado. Ao desafiar essas dicotomias, promovem uma visão mais integrada e holística do conhecimento, buscando problematizar as hierarquias e valorizar as várias dimensões da experiência humana (Ruiz; García, 2015).

Ao abordar os dualismos presentes no pensamento ocidental, situa o feminismo decolonial, que segundo Souto e Souto (2021), se diferencia do feminismo tradicional em diversos aspectos. Primeiramente, ele incorpora o conceito de interseccionalidade, analisando a interconexão entre diferentes formas de opressão, como raça, gênero, classe e sexualidade (Souto; Souto, 2021). Isso permite uma compreensão mais ampla das experiências das mulheres, especialmente das mulheres negras e indígenas, que enfrentam múltiplas formas de discriminação. Em segundo lugar, o feminismo decolonial propõe uma revisão da teoria feminista tradicional, questionando seu viés ocidental, branco e burguês e buscando ampliar a perspectiva feminista para incluir as experiências e lutas das mulheres subalternizadas, considerando também questões raciais, étnicas e de classe (Souto; Souto, 2021).

Segundo Villarroel Peña (2018), o feminismo decolonial difere de outras correntes feministas principalmente em sua abordagem crítica à colonialidade e à interseccionalidade de opressões. Diferindo do feminismo *mainstream*, o feminismo decolonial latino-americano busca desmontar a submissão categorial do ocidente, tanto no âmbito acadêmico quanto no político, reconhecendo a importância de outras epistemologias, ontologias, éticas e estéticas para repensar o mundo. Em termos de práticas políticas, as feministas decoloniais propõem diálogos horizontais e uma abordagem contra-hegemônica, questionando relações baseadas em privilégios masculinos, no sexismo e no patriarcalismo (Dombkowitsch, 2022). Ademais, o feminismo decolonial enfatiza a importância de reconhecer e problematizar a colonialidade do gênero, promovendo a diversidade de vozes e experiências feministas.

Segundo Dombkowitsch e Silva (2022), a epistemologia feminista decolonial busca questionar as estruturas de poder, opressão e exclusão presentes no conhecimento dominante, especialmente no que se refere às questões de gênero, raça e classe. Nessa perspectiva, a pedagogia decolonial se propõe a descolonizar o saber e os processos educativos, rompendo com a lógica eurocêntrica e universalizante que perpetua a colonialidade do poder. Nesse sentido, a pedagogia feminista decolonial surge como uma vertente que enfatiza a interseccionalidade das opressões e busca revisitá-los saberes e experiências das mulheres, especialmente as mulheres negras e indígenas, que foram historicamente marginalizadas e silenciadas.

Em geral, as perspectivas feministas transnacionais e pós-coloniais retratam as condições de vida e de trabalho das mulheres, e dos homens, nos países em desenvolvimento, ou nos países do hemisfério sul, a fim de destacar os papéis a que estão destinados, como trabalhadores de baixo status e baixos salários, que trabalham no contexto do capitalismo globalizado (Muntean; Ozkazanc-Pan, 2016).

Assim, a epistemologia feminista decolonial e a pedagogia decolonial se complementam, pois

ambas buscam promover uma educação crítica e emancipatória, que reconheça e valorize a diversidade de saberes e experiências, e contribua para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ressalta-se que a pedagogia feminista decolonial está enraizada em teorias feministas, decoloniais e interseccionais e busca contribuir para a construção de um mundo que reconhece a diversidade para produzir a justiça, de tal modo onde as mulheres tenham voz, visibilidade, oportunidades de aprendizado e desenvolvimento. Ela desafia as estruturas de poder presentes no sistema educacional, propondo práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem as diversas formas de conhecimento e experiência das mulheres. Isso inclui uma crítica às hierarquias epistemológicas que privilegiam certos tipos de conhecimento sobre outros, promovendo uma abordagem mais equitativa na educação (Dombkowitsch; Silva, 2022).

Como o panorama do empreendedorismo social, as lentes feministas podem elucidar suposições, expectativas, normas, valores e evidenciar como as categorias (por exemplo, gênero, raça, classe) e as relações de diferença (por exemplo, feminilidade/masculinidade, interseccionalidade) entre mulheres e homens impacta como o empreendedorismo social é conceituado e praticado. Ao juntar-nos às críticas feministas do campo mais amplo do empreendedorismo, argumenta-se que a literatura sobre empreendedorismo social exige uma análise mais crítica, a fim de examinar até que ponto o empreendedorismo social avança rumo à igualdade de gênero (Muntean; Ozkazanc-Pan, 2016).

Consoante Velásquez (2020), a contribuição da pedagogia feminista decolonial está em propor a transformação do espaço educacional em uma ‘paisagem de fronteira’ ou ‘zona de contato’. Essa abordagem visa criar um ambiente de aprendizado que promova a justiça social radical e transformadora na sociedade, reconhecendo a importância de incluir vozes marginalizadas e subalternas na genealogia da interseccionalidade.

Logo, a pedagogia feminista decolonial enfatiza a necessidade de superar a diferença colonial, que se manifesta na dominação dos brancos sobre os não brancos, e propõe um pensamento de fronteira feminista inspirado por Gloria Anzaldúa. Essa abordagem busca criar um espaço de diálogo e colaboração entre docentes e estudantes, permitindo a reinvenção do poder e a formulação de novas utopias políticas.

Nesse contexto, a análise do empreendedorismo social feminino por meio de uma lente decolonial revela desafios às classificações sociais de natureza patriarcal, colonial e eurocêntrica, enfatizando o surgimento da resistência a tais classificações como práticas sociais (Silva et al., 2023). Na perspectiva de um sistema social, em um mundo predominantemente ordenado por homens, incluindo o sistema econômico, é difícil provocar mudanças sociais para contribuir com a vida de mulheres, mesmo que por meio do empreendedorismo (Calás; Smircich; Bourne, 2009).

Bhatia e Liu (2020) compreendem a importância do entrelaçamento entre feminismo e teoria decolonial na psicologia para promover uma abordagem interseccional na pesquisa e na prática social. Essa integração permite um diálogo complementar entre os dois movimentos, oferecendo uma perspectiva analítica às questões de poder e identidade. A análise interseccional, central nesse contexto, reconhece e explora as interações entre múltiplas identidades marginalizadas, proporcionando uma compreensão mais completa das dinâmicas de opressão nas interseções dessas identidades.

Isso enriquece a compreensão das experiências individuais, favorecendo contribuições sobre as estruturas de poder situadas. Em suma, a adoção de uma abordagem interseccional amplia o escopo de análise, promovendo uma visão mais sensível às diversas realidades enfrentadas por grupos historicamente marginalizados.

Em síntese, os conflitos vivenciados pelas mulheres, conforme Bhatia e Liu (2020), relacionam-se à interseccionalidade de suas identidades e às injustiças de gênero impulsionadas pela colonialidade. As mulheres em questão lidam com as heranças coloniais presentes em suas realidades psicosociais, enfrentando desafios como a opressão de gênero, desigualdades locais e globais, e formas de poder interligadas. Com isso, se busca os sentidos desses conflitos para reunir contribuições no contexto da abordagem interseccional, narrativas históricas contra-hegemônicas.

Metodologia

Na concepção de Minayo (2001, p. 23), a pesquisa “é uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade, [...], fazendo uma combinação particular entre teoria e dados”.

A crescente quantidade de estudos qualitativos que recorrem a gravações audiovisuais como instrumento analítico situa a importância de examinar e esclarecer atividades cotidianas, organismos sociais e práticas de determinadas populações. Esse método reforça a análise da rotina, por meio da transcrição, observação e conceituação do conteúdo dos vídeos, buscando compreender a realidade ali exposta (Heath; Hindmarsh; Luff, 2010), oferecendo aos pesquisadores uma abordagem sistematizada para a análise das práticas sociais observadas.

Heath, Hindmarsh e Luff (2010) compreendem que questões culturais, sociais e ambientais devem ser consideradas na coleta e análise dos dados de vídeo, pois o contexto pode influenciar os resultados da investigação. Alves (2010, p. 31) ressalta que “o significado de uma obra filmica não se esgota nunca pelas intenções de seu autor”, sugerindo que a compreensão histórica e cultural do pesquisador pode revelar novos significados a partir do mesmo material de estudo.

A obra escolha para a pesquisa é o documentário ‘She Started It’ retrata a trajetória de cinco jovens mulheres empreendedoras — Thuy Truong, Stacey Ferreira, Brienne Ghafourifar, Sheena Allen, e Agathe Molinar —no início de suas carreiras, lutando para lançar suas startups de tecnologia. O enredo utiliza uma combinação de entrevistas, cenas do dia a dia e eventos importantes sobre realidades enfrentadas por essas empreendedoras na indústria de tecnologia, desde aspectos práticos quanto emocionais da jornada empreendedora.

Inspirada no projeto Tela Crítica de Alves (2010), a investigação objetiva integrar insights teórico-analíticos com cenas significativas do documentário, sugerindo a utilização de imagens de cenas e personagens típicos para contribuir com a análise crítica geral”. Alves (2010) defende a necessidade de ir além do documentário ou filme, analisando a representação ideológica ou projeção subjetiva, e, ainda, como reflexo social mediado. Ele argumenta que a experiência crítica não é simplesmente aplicar conteúdos prévios, mas sim uma hermenêutica-dialética do material estudado, que exige uma problematização crítica do filme a partir da compreensão pré-existente.

A experiência crítica, conforme Alves (2010), é a ação crítica do sujeito-receptor, uma ação transformadora que não pode prescindir de momentos de recepção estética. O sujeito singular, ou receptor, é quem primeiro comprehende a experiência crítica através dos princípios e leis da inteligibilidade, produzindo a reflexão necessária para descobrir a ação totalizadora presente nessa experiência.

Flick (2004) reforça a relevância das imagens em vídeos na elucidação da configuração social da realidade, alertando para a importância de uma atitude crítica que reconheça a influência das ideias do autor e do intérprete na interpretação do material. Ele argumenta que tanto as ideias do autor sobre a realidade quanto as do intérprete influenciam a interpretação, ressaltando a subjetividade intrínseca na produção e interpretação dos textos visuais. Flick (2004) enfatiza que essa subjetividade é um desafio para os pesquisadores, que devem manter uma atitude reflexiva e consciente durante o processo.

Vanoye e Goliot-Lété (2002) abordam a análise observacional em vídeo, situando a vantagem de possibilitar revisões contínuas das cenas, permitindo reavaliar a informação registrada e acrescentar novas percepções ao problema estudado. Loizos (2004) corrobora essa perspectiva, ressaltando que a metodologia oferece múltiplas interpretações do fenômeno estudado, baseadas na realidade de múltiplos intérpretes

Sobre a interpretação crítica, Vanoye e Goliot-Lété (2002) argumentam que ela busca pelo sentido e produção do sentido, mediante o estabelecimento de ligações entre o que se expressa e como isso se expressa. Flick (2004) e Vanoye e Goliot-Lété (2002) defendem a perspectiva das “microanálises estruturadas”, que possibilita uma análise detalhada e sistemática, capturando e reinterpretando as

representações implícitas nos textos visuais para apreender a complexidade do fenômeno.

Alves (2010) enfatiza a importância de discriminar cenas significativas e personagens-chave em relação ao eixo temático estruturante da narrativa fílmica, situando o leitor do estudo que não assistiu ao vídeo/documentário original. A estrutura narrativa da obra, alicerçada em eixos temáticos e subtemas, compõem uma rede de significados que dá sentido à narrativa. Quando o sujeito-receptor comprehende esses eixos temáticos e problematizações significativas, o material se torna um ambiente de reflexão sobre a realidade.

Apresentação e análise dos dados

Considerando as microanálises estruturadas (Vanoye; Goliot-Lété, 2002) e os eixos temáticos e subtemas (Alves, 2010), a interpretação crítica do documentário foi realizada com suporte do *software* Atlas.ti. Ressalta-se que o Atlas.ti é uma ferramenta que visa contribuir com o trabalho do pesquisador em seu processo de organização da análise dos dados, mas é um *software* limitado no sentido de não fazer a análise por si mesmo. Todas as inferências e categorizações devem ser feitas pelo próprio pesquisador, confrontando os resultados com sua base teórica (Silva Júnior; Leão, 2018). A Figura 1 apresenta a relação das propriedades de análise do estudo, que emergiram da análise dos resultados.

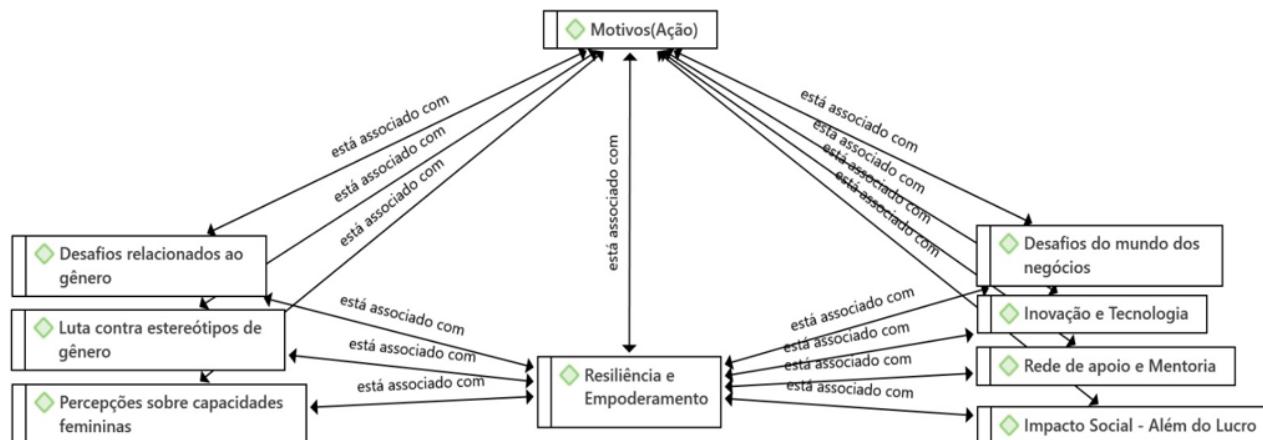


Figura 1. Relação das propriedades de análise do estudo.

Fonte. Dados da pesquisa (2024).

A partir da Figura 1, constata-se que os temas ‘motivos(ação)’ para empreender no contexto do documentário, relacionam-se com o tema ‘resiliência e empoderamento das mulheres’ (Tahir et al., 2018; Ribes-Giner et al., 2018), bem como com os subtemas ‘desafios relacionados ao gênero’, a ‘luta contra os estereótipos de gênero’, as ‘percepções sobre as capacidades femininas’ (Muntean; Ozkazanc-Pan, 2016), os ‘desafios do mundo dos negócios’ (Dombkowitsch; Silva, 2022), a ‘inovação e a tecnologia’, a ‘rede de apoio e a mentoria’ que as mulheres realizam entre si e o ‘impacto social’ que o empreendedorismo proporciona e que vai além do lucro.

O Quadro 1 contém os códigos (subtemas) que emergiram da interpretação crítica do documentário e as referidas citações extraídas das falas das personagens que configuram comportamentos das personagens sobre os códigos identificados.

Quadro 1. Codificação.

Subtemas	Citações
Desafios relacionados ao Gênero	'Eu sinto que estou sempre tentando provar que sou boa o suficiente, que mereço estar aqui'. (Personagem A); 'As pessoas não esperam ser liderada por uma mulher, que seja bem-sucedida no mundo da tecnologia' (Personagem B); 'Existe uma falta de confiança nos investidores quando se trata de mulheres'. (Personagem C)
Luta contra estereótipos de gênero	'Quando comecei, muitos duvidavam das minhas habilidades só porque sou mulher. Mas usei isso como motivação extra para provar que as mulheres são igualmente capazes de liderar negócios de sucesso'. (Personagem A)
Percepção das Capacidades Femininas	'Quando comecei, muitos duvidavam das minhas habilidades só porque sou mulher'. (Personagem B)
Motivos (Ação)	'Quero criar algo que não só seja lucrativo, mas que também faça a diferença na vida das pessoas'. (Personagem D); 'A tecnologia tem o poder de resolver problemas reais se for usada corretamente' (Personagem E); 'Estou aqui para criar impacto e ajudar minha comunidade através da inovação'. (Personagem A) 'Minha jornada empreendedora não foi fácil, mas espero que minha história inspire outras mulheres a seguir seus próprios sonhos e acreditarem em si mesmas'. (Personagem C)
Impacto Social Além do Lucro	'Para mim, sucesso vai além do lucro. Meu objetivo é usar meu negócio como uma plataforma para fazer a diferença na sociedade, abordando questões que são importantes para mim e para minha comunidade'. (Personagem E)
Resiliência e Empoderamento	'O fracasso não é o fim, é apenas uma parte do processo de aprendizado' (Personagem B); 'A resiliência é a chave. Você tem que continuar, não importa o que aconteça' (Personagem C); 'Cada desafio é uma oportunidade para crescer e se fortalecer' (Personagem D); 'Minha jornada empreendedora não foi fácil, mas espero que minha história inspire outras mulheres a seguir seus próprios sonhos e acreditarem em si mesmas'. (Personagem A)
Desafios no mundo dos negócios	'Tive que enfrentar inúmeras portas fechadas apenas por ser mulher. Investidores pareciam relutantes em acreditar em mim, mas isso só me fez mais determinada a alcançar o sucesso.' (Personagem B)
Inovação e Tecnologia	'A inovação é o coração do empreendedorismo. Sem inovação, não há crescimento' (Personagem E); 'Estamos criando soluções que nunca foram pensadas antes' (Personagem A); 'A tecnologia é uma ferramenta poderosa para transformação social' (Personagem B)
Rede de Apoio e Mentoria	'Ter uma rede de apoio é importante. Sem meus mentores, eu não estaria aqui' (Personagem C); 'O apoio de outras mulheres é inestimável. Precisamos nos levantar umas às outras' (Personagem D); 'Mentoria não é apenas sobre dar conselhos, é sobre guiar e inspirar' (Personagem E)

Fonte. dados da pesquisa (2024).

Em relação à categoria ‘desafios relacionados ao gênero’, observa-se que as citações das empreendedoras situam desafios persistentes enfrentados por mulheres no setor de tecnologia e empreendedorismo. A Personagem A expressa: “Eu sinto que estou sempre tentando provar que sou boa o suficiente, que mereço estar aqui”, refletindo a pressão constante para demonstrar competência e inspirar confiança. A Personagem B complementa: “As pessoas não esperam que uma mulher liderada por uma mulher seja bem-sucedida no mundo da tecnologia”, revelando estereótipos de gênero enraizados. Esses relatos são congruentes com estudos como o de Muntean e Ozkazanc-Pan (2016) que elucidam os preconceitos e as restrições institucionais que separam homens e mulheres, quando decidem empreender.

Em relação à ‘luta contra estereótipos de gênero’ a personagem A ressalta: “Quando comecei, muitos duvidavam das minhas habilidades só porque sou mulher”. Esta citação sugere entendimento de como mulheres empreendedoras enfrentam a necessidade de desafiar estereótipos que limitam suas oportunidades de crescimento e financiamento. O conceito de empreendedorismo não faz distinção quanto ao gênero (Borges, 2022), no entanto, do ponto de vista das relações históricas, sociais e de poder, há um distanciamento entre os gêneros, apontando para uma realidade sexista e patriarcalista (Hooks, 2018).

Como Dombkowitsch e Silva (2022) explicam, a epistemologia feminista decolonial problematiza essas estruturas de poder, opressão e exclusão presentes no conhecimento dominante, inclusive, quanto à questão de gênero.

No que tange à categoria ‘percepção das capacidades femininas’, observa-se que a personagem B reforça: “Quando comecei, muitos duvidavam das minhas habilidades só porque sou mulher”. Esta citação contribui para refletir como percepções limitadas sobre as capacidades das mulheres podem influenciar negativamente suas trajetórias empreendedoras, conforme discutido por Hechavarría e Brieger (2020). Podemos constatar que essa análise também se articula com a categoria ‘luta contra estereótipos de gênero’ e reflete impactos da cultura sexista e patriarcalista que vivemos.

Percebe-se que há referência às barreiras de gênero que as mulheres enfrentam no setor de tecnologia e empreendedorismo, como a falta de confiança dos investidores e a necessidade constante de provar suas capacidades em um ambiente dominado por homens (Artemisia Brasil, 2022). Ressalta-se que as mulheres empreendedoras muitas vezes enfrentam uma cultura que subestima suas habilidades e competências com base em seu gênero, aumentando as relações opressoras e dificultando o acesso a oportunidades de financiamento e recursos.

A categoria ‘motivos (ação)’, das empreendedoras são evidenciadas pela Personagem D, que afirma: “Quero criar algo que não só seja lucrativo, mas que também faça a diferença na vida das pessoas.” Isso demonstra um compromisso com o impacto social positivo através dos negócios, um tema reforçado por Rodrigues et al. (2021) ao discutir iniciativas brasileiras como o Projeto Quedes e o Programa Mãe. Cada uma das empreendedoras compartilha suas histórias pessoais, incluindo suas motivações, os desafios que enfrentaram, e como perseveraram. Além de buscar o sucesso financeiro, as protagonistas demonstram compromissos em criar impacto social positivo através de suas empresas. O documentário explora como elas estão usando seus *startups* para abordar questões sociais e melhorar a vida das pessoas.

A categoria ‘além do lucro: impacto social’, situa, por exemplo, a personagem E, que enfatiza: “Para mim, sucesso vai além do lucro. Meu objetivo é usar meu negócio como uma plataforma para fazer a diferença na sociedade”. Esta visão reflete um movimento crescente entre empreendedoras para integrar preocupações sociais às estratégias de negócio, um aspecto enfatizado por Morales e Ortega (2011) em seus estudos sobre o empreendedorismo social feminino.

Ressalta, portanto, como muitas mulheres empreendedoras estão comprometidas em promover impactos sociais transformadores por meio de seus negócios. Elas buscam o sucesso financeiro, aliado ao compromisso para com problemas sociais e ambientais em suas comunidades e no mundo.

No que tange à categoria ‘resiliência e empoderamento’, têm-se que as citações sobre resiliência, como a da Personagem B “O fracasso não é o fim, é apenas uma parte do processo de aprendizado”,

situam a importância do fortalecimento emocional e do empoderamento feminino diante dos desafios empresariais. Essa narrativa é coerente com as discussões de Trejo e Dauder (2023) sobre a valorização das emoções e do conhecimento encarnado nas epistemologias feministas. As protagonistas falam sobre a necessidade de aprender com os fracassos e continuar se esforçando para alcançar o sucesso. Ressaltam o tema do empoderamento feminino e da resiliência. Apesar dos obstáculos enfrentados, as mulheres empreendedoras apresentadas no documentário demonstram uma determinação em seguir seus sonhos e inspirar outras mulheres a fazerem o mesmo.

Para Durante *et al.* (2021) o empoderamento feminino pode se dar por meio da informação, autocuidado e autotransformação, o que por sua vez fomenta estratégias de autonomia e compromisso com a transformação social.

E, ainda, sobre ‘desafios no mundo dos negócios’, observa-se que a personagem B compartilha: “Tive que enfrentar inúmeras portas fechadas apenas por ser mulher.” Isso ilustra os desafios específicos que as mulheres empreendedoras enfrentam ao buscar financiamento e suporte para seus negócios, um tema explorado por Villarroel Peña (2018) em suas críticas à colonialidade do gênero. Os desafios específicos que as mulheres empreendedoras enfrentam ao tentar garantir financiamento para seus negócios. A falta de confiança por parte dos investidores pode ser atribuída a preconceitos de gênero arraigados na indústria de investimentos.

Na categoria ‘Inovação e Tecnologia’, situa, a Personagem E informa: “A inovação é o coração do empreendedorismo. Sem inovação, não há crescimento”. Isso ressalta o papel importante da tecnologia e da inovação no desenvolvimento de soluções empresariais e sociais, um tema discutido por Ribes-Giner *et al.* (2018) em suas análises sobre o impacto das mulheres empreendedoras na inovação tecnológica. O documentário enfatiza as *startups* de tecnologia, situam como a inovação tecnológica pode ser usada para resolver problemas sociais e criar novas oportunidades de negócio. As fundadoras discutem suas ideias inovadoras e como elas planejam impactar o mundo com suas soluções tecnológicas.

Paralelamente se tem a categoria ‘rede de apoio e mentoria’, que aborda a importância da rede de apoio, é enfatizada pela Personagem C: “Ter uma rede de apoio é importante. Sem meus mentores, eu não estaria aqui”. Essa perspectiva ressalta a influência positiva das mentorias e redes de apoio no crescimento pessoal e profissional das empreendedoras, um tema explorado por Vaz, Teixeira e Olave (2015) em suas pesquisas sobre modelos de apoio ao empreendedorismo feminino. Sugerem que a rede de apoio e a mentoria não são apenas componentes auxiliares, mas pilares para o desenvolvimento pessoal e profissional. Elas ressaltam a importância da colaboração, do suporte emocional, da inspiração e da orientação prática, criando um ecossistema onde indivíduos podem florescer e alcançar seus objetivos. Para Griepl (2003) existem diferentes tipos de apoio: emocional, afetivo, interação social positiva, de informação, instrumental ou material.

Para Silva *et al.* (2016) o apoio advém das relações formais e informais que o sujeito estabelece na rede social. No caso dos mentores, eles podem ocupar o lugar dos diferentes tipos de apoio, se colocando como relação formal. Dentre as relações informais, é relevante reconhecer a interação com outras mulheres que fortalece o vínculo, autoestima e autonomia uma das outras.

As epistemologias feministas e decoloniais oferecem uma crítica profunda às estruturas de poder e conhecimento dominantes, enfatizando a importância da subjetividade, das emoções e dos saberes locais na pesquisa e prática do empreendedorismo social feminino. Essas abordagens, discutidas por Dombkowitsch (2022), promovem uma pesquisa ética e sensível às diversidades, fundamental para uma transformação social genuína e equitativa.

Na perspectiva da interpretação crítica, faz-se necessário discutir as contradições que emergem da análise do tema. Assim, a Figura 2 contempla as relações de empoderamento frente aos obstáculos estruturais que as mulheres enfrentam ao buscarem empreender.

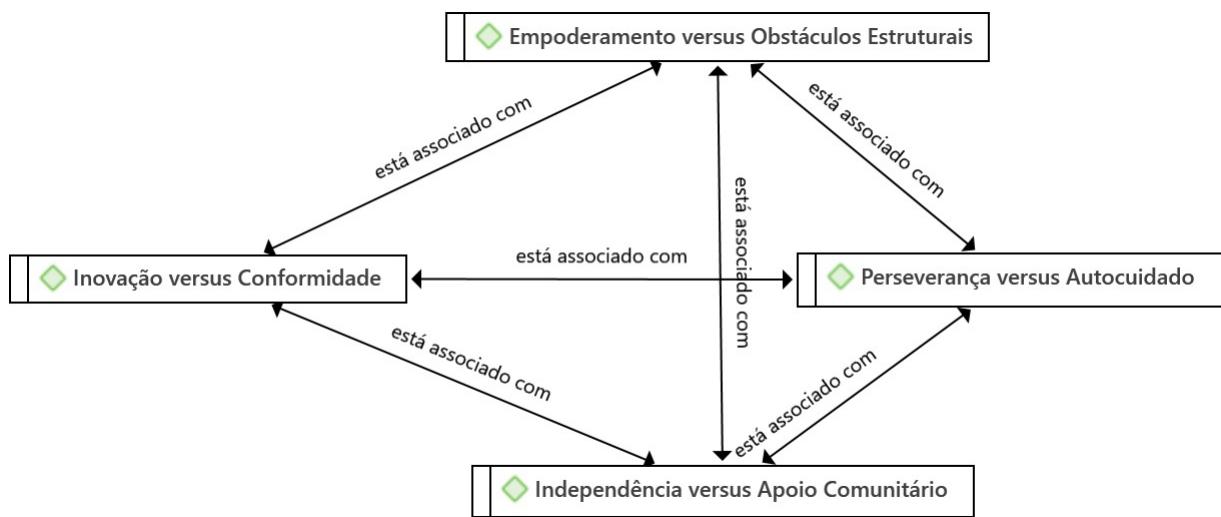


Figura 2. Empoderamento *versus* obstáculos estruturais.

Fonte. dados da pesquisa (2024).

Em relação aos aspectos contraditórios da relação do ‘empoderamento *versus* os obstáculos estruturais’, depreende-se de Artemisia Brasil (2022) o potencial do empreendedorismo social feminino, como uma ferramenta para capacitar mulheres a contribuir positivamente para suas comunidades, superando desigualdades econômicas e sociais. Segundo o personagem D, “O mundo precisa do que você tem para oferecer. Não tenha medo de falhar, porque a única maneira de você falhar é se você não tentar”. Rodrigues et al. (2021) discutem como iniciativas como o Programa Mãe na Bahia enfrentam desafios significativos de discriminação de gênero e raça, que limitam o acesso das mulheres empreendedoras a recursos e oportunidades. Como expresso, pela personagem B, “Eu estava muito frustrada. Por que isso não estava acontecendo comigo? E então percebi: porque eu sou mulher. Porque eu sou negra. Porque sou mulher negra”.

Os desafios estruturais enfrentados por mulheres empreendedoras não são apenas individuais, mas refletem sistemas de opressão enraizados socialmente. Autores como Villarroel Peña (2018) situam que o feminismo decolonial oferece uma abordagem crítica para problematizar essas estruturas, reconhecendo a interseccionalidade das opressões que afetam mulheres de diferentes origens étnico-raciais e sociais. Este enfoque é fundamental para compreender como as experiências de empoderamento podem ser mitigadas ou ampliadas pelas condições estruturais em que as mulheres operam.

No que se refere à ‘inovação *versus* conformidade’, Hechavarria e Brieger (2020) enfatizam que a inovação é fundamental para o sucesso no empreendedorismo feminino, permitindo às mulheres desafiar normas estabelecidas e encontrar soluções criativas para problemas sociais. Como expresso pela personagem B, “Nós vivemos em um mundo onde a única maneira de sobreviver é inovar. E inovação significa assumir riscos”. Poon e Naybor (2012) exploram como as pressões sociais levam as mulheres empreendedoras a conformarem-se com expectativas de gênero estabelecidas, limitando sua liberdade e capacidade de inovar. A personagem A, por exemplo, compartilha: “Eu sinto como se eu tivesse que esconder meu gênero para ser tratada de forma justa”. Assim, observa-se como as relações patriarciais e opressoras limitam os lugares de expansão das mulheres no campo do empreendedorismo.

Embora a inovação seja frequentemente celebrada como uma força motriz no empreendedorismo feminino, é importante reconhecer que as estruturas de poder e normas sociais podem restringir o alcance dessa inovação. Autores como Safiotti (2004) e Morales e Ortega (2011) discutem como as expectativas de gênero situam as oportunidades de inovação para mulheres empreendedoras, enfatizando a necessidade

de políticas e práticas que promovam ambientes empresariais equitativos e decoloniais.

A análise sobre a ‘independência versus apoio comunitário’, situa contribuições de Morales e Ortega (2011) sobre a solidão associada ao empreendedorismo feminino, onde as mulheres enfrentam frequentemente o ônus de tomar decisões críticas sozinhas. A personagem C, por exemplo, compartilha: “As pessoas não percebem o quanto solitário é ser empreendedora. E é por isso que a maioria das pessoas não é empreendedora”. Ribes-Giner et al. (2018) enfatizam a importância do apoio comunitário para o sucesso das startups lideradas por mulheres, realçando a necessidade de redes de apoio e colaboração. A personagem B afirma: “Todas as startups que tiveram sucesso tinham uma comunidade. O que significa que temos que criar uma comunidade”. E nos remete à importância do apoio comunitário. Para Silva et al. (2016), o apoio comunitário é fonte de partilha de vida e de ações de caráter coletivo, que favorece o fortalecimento de vínculos, o enfrentamento dos desafios e das mudanças.

Embora a independência seja valorizada como uma característica empreendedora, a falta de apoio comunitário pode ser um obstáculo significativo para o sucesso das mulheres empreendedoras. Autores como Ribes-Giner et al. (2018) argumentam que o fortalecimento de redes comunitárias pode mitigar o isolamento das empreendedoras, bem como ampliar suas oportunidades de crescimento e desenvolvimento sustentável.

Em relação à ‘perseverança versus autocuidado’, Vaz, Teixeira e Olave (2015) exploram a resiliência necessária para superar obstáculos no empreendedorismo feminino, enfatizando a importância de persistir diante de desafios significativos. A personagem A compartilha: “Quando você está nesse tipo de situação, você tem que encontrar uma maneira de fazer isso funcionar. Você tem que ser resiliente”. Com isso a importância do autocuidado para manter a saúde mental e física das empreendedoras, reconhecendo a necessidade de equilibrar trabalho e bem-estar pessoal. A personagem B enfatiza: “Às vezes, é necessário ter um dia de descanso. Isso não significa que você seja preguiçosa ou não esteja interessada em sua empresa. Isso significa que você se importa consigo mesma”.

A ênfase na perseverança no empreendedorismo pode obscurecer a importância do autocuidado e do equilíbrio entre vida profissional e pessoal. Autores como Ruiz e García (2015) argumentam que a valorização do autocuidado não é apenas uma questão individual, mas também uma responsabilidade organizacional e social. Promover culturas empresariais que incentivem o autocuidado pode contribuir para a saúde sustentável das empreendedoras e o sucesso a longo prazo de seus negócios.

A discussão sobre empreendedorismo social feminino revela desafios relacionados ao empoderamento, à inovação, à independência e à perseverança, na perspectiva dos obstáculos estruturais, conformidade, necessidade de apoio comunitário e autocuidado. A análise crítica desses temas, à luz das epistemologias feministas e decoloniais, situa a importância de abordagens críticas e sensíveis às diversidades na promoção da equidade de gênero e justiça social. A incorporação dessas perspectivas enriquece a compreensão acadêmica, promovendo práticas mais éticas e transformadoras no campo do empreendedorismo feminino, acrescendo-o à perspectiva decolonial.

Considerações finais

O documentário ‘She Started It’ e as análises teóricas situam os desafios enfrentados por mulheres empreendedoras, mas também suas conquistas significativas e o potencial transformador do empreendedorismo social feminino. Ao integrar motivos pessoais, resiliência, inovação e redes de apoio, essas mulheres desafiam normas de gênero e contribuem para um modelo de negócios mais inclusivo e socialmente responsável. As políticas públicas e o apoio contínuo são fundamentais para ampliar essas práticas e promover uma verdadeira equidade de gênero no empreendedorismo.

A discussão sobre o empreendedorismo social feminino revela uma complexidade significativa, onde mulheres enfrentam desafios específicos, mas também demonstram resiliência e impacto social positivo. Primeiramente, as citações das personagens revelam os desafios persistentes relacionados ao

gênero no empreendedorismo. Personagens como A, B e C situam a necessidade constante de provar suas habilidades e superar estereótipos de gênero que limitam suas oportunidades de financiamento e reconhecimento no setor de tecnologia.

Outrossim, a pesquisa evidencia que o empreendedorismo social feminino não se limita à busca por lucro financeiro, mas também se compromete profundamente com a criação de impacto social positivo. Personagens como D e E situam o desejo de resolver problemas reais e transformar suas comunidades através da inovação tecnológica. Essa ‘dualidade’ entre lucro e impacto social é importante, pois demonstra como as mulheres empreendedoras estão redefinindo o paradigma empresarial tradicional, buscando equilibrar sucesso financeiro com contribuições significativas para o bem-estar social.

A análise teórica fortalece esses pontos ao contextualizar o empreendedorismo social feminino em uma perspectiva crítica e decolonial. Autores como Rodrigues et al. (2021) e Villarroel Peña (2018) situam iniciativas no Brasil que promovem o empoderamento econômico das mulheres e, também, desafiam estruturas coloniais, sexistas e patriarcais. A Lei 17.176 de 2020, por exemplo, representa um avanço legislativo importante ao estimular políticas estaduais de apoio ao empreendedorismo feminino.

As epistemologias feministas e decoloniais são fundamentais para essa discussão, pois enfatizam a importância da subjetividade, das emoções e dos saberes locais na pesquisa e, na prática do empreendedorismo social. Elas criticam a objetividade neutra tradicionalmente associada à pesquisa acadêmica, promovendo uma abordagem crítica, ética e decolonial. Isso é fundamental para valorizar as diversas experiências das mulheres empreendedoras e para desafiar as hierarquias de conhecimento que marginalizam certos grupos.

Portanto, ao analisar o empreendedorismo social feminino, é importante reconhecer os desafios enfrentados e celebrar o impacto transformador dessas iniciativas. A pesquisa sugere que possamos fortalecer fontes de apoio, de maneira contínua, principalmente por meio de políticas públicas, como condição necessária para ampliar o alcance dessas práticas e promover uma equidade de gênero no campo empresarial.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

- ADDOR, F.; HENRIQUES, F. C. **Tecnologia, participação e território** – reflexões a partir da prática extensionista. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. Parte 4 - Território e Desenvolvimento Local. 2015.
- ARTEMÍSIA BRASIL. **O papel central das mulheres no ecossistema de negócios de impacto socioambiental**. 2022. Disponível em: <https://artemisiabrasil.medium.com/o-papel-central-das-mulheres-no-ecossistema-de-neg%C3%B3cios-de-impacto-socioambiental-20ba17a70ef5>. Acesso em: 22 out. 2024.
- BARCENA-MARTIN, E.; MEDINA-CLAROS, S.; PEREZ-MORENO, S. Economic regulation, opportunity-driven entrepreneurship and gender gap: emerging versus high-income economies. **International Journal of Entrepreneurship Behavior. Res.**, v. 27, n. 5, pp. 1311-1328. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJEBR-05-2020-0321>
- BORGES, L. de A. P. Estereótipos de gênero na intenção empreendedora de universitárias da área de tecnologia da informação. **Dissertação** (Mestrado em Administração) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2022.
- BIZARRIA, F. P. DE A.; BARBOSA, F. L. S.; RODRIGUES, D. M. A.; COSTA, T. S. Empreendedorismo social - exercício ensaístico com suporte em insights cartográfico-categoriais. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 39, p. 26932, 2022. Disponível em: <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/26932/14938>. Acesso em: 05 out. 2024.

BUTLER, J. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. 15. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. Tradução: Renato Aguiar. 2017.

CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L.; BOURNE, K. A. "Extending the boundaries: Reframing 'entrepreneurship as social change' through feminist perspectives", **Academy of Management Review**, v. 34, n. 3, pp. 552–569. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5465/amr.2009.40633597> Acesso em: 30 out. 2024.

CINEGLAGLIA, M.; DE MIRANDA, M.; FRIEDE, R.; T. CAVALCANTI, M. Desafios do Empreendedorismo Feminino. **LexCult: Revista Eletrônica de Direito e Humanidades**, v. 5, n. 3, p. 59-76. 2021. Disponível: <https://lexcultccjf.trf2.jus.br/index.php/LexCult/article/view/544> Acesso em: 22 out. 2024.

Cooperativa Cuxá incentivará empreendedorismo social entre internas de Pedrinhas. (2020). Retirado de: Disponível em: <https://www.ma.gov.br/cooperativa-cuxa-incentivara-empreendedorismo-social-entre-internas-de-pedrinhas/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

DENG, W.; ORBES, I.; MA, P. Necessity- and opportunity-based female entrepreneurship across countries: The configurational impact of country-level institutions, **Journal of International Management**, Volume 30, Issue 4, 2024. Disponível em:<https://doi.org/10.1016/j.intman.2024.101160> Acesso em: 22 out. 2024.

DOMBKOWITSCH, L. A.; SILVA, M. A. D. Descolonizar o saber desde uma pedagogia feminista decolonial. *d'generus: Revista de Estudos Feministas e de Gênero*, v. 1, n. 1, p. 285–302. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/dgenerus/article/view/23246>. Acesso em: 15 out. 2024.

DURANT, M. K.; HEIDEMANN, I. T. S.; RUMOR, P. C. F.; VENDRUSCOLO, C.; BELAUNDE, A. M. A.; SOUZA, J. B. **Possibilidades e desafios para o empoderamento feminino:** perspectivas de mulheres em vulnerabilidade social. Escola Anna Nery v. 25, n. 5. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0524>. Acesso em: 18 out. 2024.

GARCIA, Tabuchi, M.; ROSSI, Sampaio A. do C. Construindo uma epistemologia feminista decolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 31, n. 3. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n386106>. Acesso em: 20 out. 2024.

GRIEP, R.H. Confiabilidade e Validade de Instrumentos de Medida de Rede Social e de Apoio Social Utilizados no Estudo Pró-Saúde. Rio de Janeiro. **Tese** (Doutorado em Saúde Pública). Ministério da Saúde, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz. 177p. 2003.

HECHAVARRÍA, D. M.; BRIEGER, S. A. Practice rather than preach: Cultural practices and female social entrepreneurship. **Small Business Economics**, p. 1-21. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11187-020-00437-6>. Acesso em: 30 out. 2024.

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2018.

KUYUMJIAN, R.; SOUZA, E. M.; SANT'ANNA, S. R. Uma análise a respeito do desenvolvimento local: o empreendedorismo social no Morro do Jaburu — Vitória (ES), Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 48, n. 6, p. 1503-1524. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/n8PKXjW7dcmh7WJ46CmVYp/?format=pd&lang=pt> Acesso em: 22 out. 2024.

LUGONES, M. Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial. In: MIGNOLO, Walter (comp.). **Género y descolonialidad**. Buenos Aires, Del Signo. 2008. Disponível em: http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2020/09/G%C3%A9nero-y-descolonialidad-by-Walter-Mignolo-Mar%C3%ADa-Lugones-Isabel-Jim%C3%A9nez-Lucena-Madina-Tlostanova-z-lib.org_.pdf Acesso em: 22 out. 2024.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14.- ed. Hucitec. 2014.

MIZUTANI, M. N. P. O uso dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e do indicador de sustentabilidade Programa Cidades Sustentáveis (PCS) para uma urbanização sustentável e social na cidade de Barueri - SP (**Dissertação**) Mestrado, Universidade Nove de Julho). 2019. Disponível em: <https://bibliotecade.uninove.br/handle/tede/2151> Acesso em: 01 out. 2024.

MORAES, E. Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de Maitena. In I. Tasso & P. Navarro (Org's.). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas** (pp. 259-285). Maringá: Eduem. 2012. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hzj5q/>

pdf/tasso-9788576285830-12.pdf Acesso em: 16 out. 2024.

MORALES, E. A. M.; ORTEGA, R. R. Empresarialidad femenina y redes sociales en San Pedro Tultepec de Quiroga, estado de México. *Revista Colombiana de Geografía*, v. 20, n. 1, p. 85-101. 2011. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-215X2011000100008 Acesso em: 10 out. 2024.

MUNTEAN, S. C.; OZKAZANC-PAN, B. Feminist perspectives on social entrepreneurship: critique and new directions. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, v. 8, n. 3, p. 221-241. 2016. Disponível em <https://doi.org/10.1108/IJGE-10-2014-0034>. Acesso em: 30 out. 2024.

Organização das Nações Unidas no Brasil (ONUBR). **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em <file:///C:/Users/Kelly/Downloads/undp-br-Agenda2030-completo-pt-br-2016.pdf>. Acesso em: 29/05/2021. Acesso em: 30 jul. 2021.

POON, P. H.; NAYBOR, D. Social capital and female entrepreneurship in rural regions: evidence from Vietnam. *Applied Geography*, 308-315. 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0143622812000835>. Acesso em: 30 jun. 2021.

Programa de empreendedorismo social com internas de Pedrinhas começa em março. 2020. Disponível em: <https://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/?p=271517>. Acesso em: 30 jun. 2021.

Projeto baiano de empreendedorismo social ganha reconhecimento nacionalmente. 2020. Retirado de: <https://www.bahiapress.com.br/2020/09/14/8589/>. Acesso em: 25 jun. 2021.

Projeto Quedes anuncia expansão de obra social para a comunidade Portelinha. 2021. Disponível em: <https://adalagoas.com.br/noticias/16585/projeto-quedes-anuncia-expansao-de-obra-social-para-a-comunidade-portelinha>. Acesso em: 20 jun. 2021.

RIBES-GINER, G.; MOYA-CLEMENTE, I.; CERVELLÓ-ROYO, R.; PERELLO-MARIN, M. R. Domestic economic and social conditions empowering female entrepreneurship. *Journal of Business Research*, 89, 182-189. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2017.12.005> Acesso em: 24 out. 2024.

RODRIGUES, D. M. A.; SERAFIM, G. L.; SANTOS, H. S.; ALMEIDA BIZARRIA de, F. P.; BARBOSA, F. L. S. Empreendedorismo Social Feminino: Experiências em Estados do Nordeste Brasileiro na Perspectiva do Desenvolvimento Regional. *Revista Tecnológica Espol-RTE*, v. 33, n. 3, p. 110-125. 2021. Disponível em <https://doi.org/10.37815/rte.v33n3.879> Acesso em: 24 out. 2024.

SILVA, G. F. DA; BIZARRIA, F. P. DE A.; IPIRANGA, A. S. R.; BARBOSA, F. L. S. Experiências de mulheres em empreendedorismo de “não” resistências à luz da Teoria Decolonial. *Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 21, e82816. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.19094/contextus.2023.82816> Acesso em: 24 out. 2024.

SILVA JÚNIOR, L. A.; LEÃO, M. B. C. O software Atlas. TI como recurso para a análise de conteúdo: analisando a robótica no Ensino de Ciências em teses brasileiras. *Ciênc. Educ.*, Bauru, v. 24, n. 3, p. 715-728, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/yBwC9L74v4vD3s4PwVXggsk/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 out. 2024.

SILVA, L. B.; FEITOSA, M. Z. de S.; NEPOMUCENO, B. B., SILVA, A. M. S.; XIMENES, V. M.; BOMFIM, Z. A. C. Apoio Social como modo de enfrentamento à pobreza. In V. M. Ximenes, B. B. Nepomuceno, E. C. Cidade & J. F. Moura Jr. (Orgs.). **Implicações psicosociais da pobreza: diversidades e resistências** (pp. 289-310). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora. 2016.

SOTTO, D.; RIBEIRO, D. G.; SAMPAIO, C. A. N.; MARINS, K. R. C.; SOBRAL, M. C. M. Sustentabilidade urbana: dimensões conceituais e instrumentos legais de implementação. *Estudos Avançados*, 33, n. 97. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/zxSGtbCVxzKVSfZnGs3DWct/> Acesso em: 24 out. 2024.

SOUTO, G. M. M.; SOUTO, L. M. S. (Des)velando o Feminismo Decolonial: reflexões sobre a violência política de gênero na América Latina. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia*, v. 49, n. 2, p. 218–237. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/RFADIR-v49n2a2021-65173> Acesso em: 24 out. 2024.

SROKA, W.; MEYER, N. A Theoretical Analysis Of Social Entrepreneurship: The Case Of Poland And South Africa. *Journal Of Eastern European And Central Asian Research*, v. 8, n. 1, 114-148. 2021. Disponível em: <https://ieeca.org/journal/index.php/JEECAR/article/view/596> Acesso em: 24 out. 2024.

TAHIR, M. W.; KAUSER, R.; BURY, M.; BHATTI, J. S. ‘Individually-led’ or ‘female-male partnership’ models for entrepreneurship with the BISP support: **The story of women’s financial and social empowerment from Pakistan**.

Women's Studies International Forum, p. 1-10. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2018.01.011>
Acesso em: 22 out. 2024.

TEIXEIRA, C. M.; DA SILVA, A. F.; DE SOUSA, F. N. T.; DE LAVOR, N. B. Empreendedorismo feminino. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 6, n. 3, p. 151-171. 2021. Disponível em: <https://www.religeo.eco.br/index.php/religeo/article/view/473> Acesso em: 22 out. 2024.

TREJO, M. G. R.; DAUDER, D. G. **Epistemologías Feministas – Cuerpo y Emociones en Investigación**. Universidad Autónoma de Chiapas. 2023.

VAZ, V. H. S.; TEIXEIRA, R. M.; OLAVE, M. E. L. Empreendedorismo social feminino e motivações para criar organizações sociais: estudo de casos múltiplos em Sergipe. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, n. 3, p. 37-61. 2015. Disponível em: <https://regepe.org.br/regepe/article/view/217> Acesso em: 22 out. 2024.

VELÁSQUEZ ATEHORTÚA, J. A decolonial pedagogy for teaching intersectionality. **Nordic Journal of Comparative and International Education** (NJCIE), v. 4, n. 1, p. 156–171. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7577/njcie.3555> Acesso em: 15 out. 2024.

VILLARROEL PEÑA, Y. U. Feminismos descoloniales latinoamericanos: geopolítica, resistencia y Relaciones Internacionales. **Relaciones Internacionales** UAM, v. 39, p. 103–119. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15366/relacionesinternacionales2018.39.006> Acesso em: 20 out. 2024.

YETIM, N. Social Capital in Female Entrepreneurship. **International Sociology**, v. 23, n. 6, p. 864-885. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0268580908095913> Acesso em: 15 out. 2024.